

**Pública-se aos sábados**  
Sob os auspícios da Liga  
Anticlerical do Rio

**ASSINATURAS:**  
ANNO. . . . . 10\$000  
SEMESTRE . . . . . 6\$000

**PAGAMENTO ADIANTADO**  
Nas assinaturas para o exterior  
há a diferença do porte do Correio.

# Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

**DIRECTOR:**  
**EDGARD LEUENROTH**  
Redacção e administração  
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)  
**CAIXA POSTAL, 195**  
Endereço telegraphico: LANTERNA  
Toda correspondência ao director

## A INTERNACIONAL NEGRA

Segundo uma comunicação lida na Federação das Sociedades do Livre Pensamento de Bruxelas, existem actualmente na Bélgica 4.600 conventos ocupados por 95.000 frades e freiras.

A Bélgica, como se vê, é hoje um país entregue à praga clerical que o vai devastando e que daqui a alguns anos estará todo nas mãos do clero romano se o povo desta nação não secundar os esforços dos livre-pensadores no vigoroso combate que estes lhe vêm dando sem esmorecimento nem treguas.

Convenir dizer que a Bélgica tem uma população avaliada em sete milhões de indivíduos habitando um território apenas de 29.000 quilômetros quadrados de superfície, isto é, três vezes menor que Portugal, com 92.000 no continente, com 5 milhões de habitantes, não contando as ilhas (Açores e Madeira).

O enorme aumento da gente que todos os dias engole, digere o Deus que adora, transformado numa obra de farinha de trigo e em suco de uva fermentado, é devido, como todos sabem, do esvaziamento dos conventos portugueses e outros da Europa que despejam, ali e na América meridional, quasi todo o seu numerosíssimo pessoal dos dois sexos.

Porém na Bélgica, enquanto a classe conservadora e capitalista acolhe de braços abertos, aliás como faz a do Brasil, os invasores seus amigos e aliados de todos os tempos, as agremiações revolucionárias ligam-se, cerram fileiras contra o inimigo comum e vêm oferecer-lhe o combate de frente, moços e velhos indistintamente, num belo movimento de solidariedade inteiramente compreendido.

Para exemplo, citemos o seguinte facto:

Um jovem soldado de nome Mary, pertencendo à guarnição de Charleroi, recusou apresentar armas ao Santo Sacramento, sendo imediatamente punido com oito dias de prisão.

Facto ainda mais grave deu-se na Itália com o soldado Massetti, como todos estão lembrados.

Pois bem, isto deu lugar a protestos veementes e a uma imponente manifestação pública ao modo soldado, no dia 19 de abril, já então livre das garras da casta agulhada, recebendo este de todos os presentes calorosas felicitações pelo seu bel gesto.

Lutar também no Brasil, despertar a atenção do povo que trabalha para a madeira e que ele vai sendo sugado, é tarefa que nos impomos e que não abandonaremos nunca.

Sabemos que somos um povo de resignados, de crentes que vivem a bater nos peitos, porque isto lhes foi ensinado, ou a fazer o signal da cruz com o dedo polegar, quando abrem a boca, para que o diabo não lhes entre no corpo por este orifício, ou ainda a invocar espiritos e outras feitiçarias mais, resultado da exploração religiosa mantida pelos experts que dela tiram todo proveito.

Ha cerca de um mez a Liga Anticlerical do Rio de Janeiro fez um apelo aos anticlericais, aos livre-pensadores, aos eleitores avançados para uma reunião em sua sede acordar-se no melhor modo de dar mais força à propaganda, intensificando a sua acção por meio de novas adesões e de recursos materiais para a luta.

Qual foi o resultado?

A indiferença geral, pois ás duas reuniões havidas só compareceram aqueles que há muito fazem, como se diz, das fraquezas forças e vão se mantendo na brecha.

Mas será mesmo possível que na capital do país, nesta imensa cidade que é o Rio de Janeiro, neste grande centro de actividade intelectual e de um proletariado numeroso e relativamente avançado, consciente, não se encontre alguns homens que queiram dar um pouco da sua energia, do seu saber, dar enfim o que puderem para a obra, útil sobre todas, de neutralizar a acção da Internacional Negra no Brasil?

Quem deixar a gangrena alastrar-se para só depois intervir?

Loucura! Será tarde de mais. Entretanto, ainda não perdemos a esperança de ver de repente surgir do meio da apatia geral novos crentes, corações cheios de entusiasmo que, rompendo com um passado barbaro, com preconceitos absurdos, resolvam-se a concorrer, na ordem moral, como vem sendo na ordem física e intelectual, para a redenção definitiva, para tornar a vida o que ela deve ser, mesmo contra a vontade de uma duvida incompreensível que outra coisa não é senão uma criação grosseira do homem.

Esperemos e — adiante!

Adreacal.

Rio, 22 — 6 — 914.

\*\*\*\*\*

**DE PARIS**

**DOIS IDEAIS**

No domingo passado, 24, realizaram-se em Paris duas manifestações de caracter inteiramente diferente: a festa realista e clerical daquela mesma Joana d'Arc, traidora pela indolência e queimada pela Igreja há quatrocentos e oitenta e três anos, e a comemoração dos defensores da Comuna, que caíram apelaudo da sua derrota para a justiça vingadora das revoluções.

O passado e o futuro! A concepção arcaica duma França imóvel, petrificada no idiosyncrasy monárquico e religioso, inimiga rancorosa dos outros povos, barbaramente ignorante dos novos tempos, da evolução, do progresso. E a visão clara duma formidável refundição social que se aproxima, inelutável, sob o duplo impulso das massas produtoras e das ideias.

Demos aos turiferários de Joana d'Arc, agrupados sob as pregas da bandeira azul e branca, a honra de admitir que, afora pollicantes estridentes, mais manhosos, prontos para sangrar o povo com todas as espécies de hecatombes nacionais e internacionais, contam no seu seio simplicítyos legítimos que apenas se esqueceram de morrer no século XV. De Jorge Berry ao falecido Déroutelle, se ha um só rebatimento, ha todavia multiplos matizes.

Nelle se encontra o sordido mercante, pronto a assinar e a traír ao mesmo tempo todos os programas, a ser sucessivamente realista, bonapartista, clerical, republicano, tabernáculo, fornecedor das galas militares. Assim como nelle se encontra também o coo devaneador ebrio de cesarismo, confundindo gloria nacional e sonhos da sua ambição sobreavergueada, disposto a dar corosamente a pele por um ideal (se isso é um ideal) do primata mal humanizado. E ha ali sobretudo a massa pava-tudo que tem no sangue o atavismo das adorações irreflexivas e das servilidades acéas — toda essa carne que tem musculos e nervos, mas não cerebro, e que vibra mecanicamente ao ritmo dos clarins e dos tambores.

Que podem esses compreender das nossas aspirações e da nossa finalidade? Livre asso-



Praticando a santa abstinencia

ciação dos grupos trabalhadores, apossando-se dos meios de produção para a todos garantir o gozo da riqueza mundial, e ratiificando-se por cima das fronteiras destruídas para enfim constituir uma verdadeira humanidade: esse escopo, nítido para nós através da distancia que dele nos poderá separar, é para eles tão ininteligível como as garantias dum alquimista. Ainda não engoliram sequer a Revolução francesa, que, por mais conhecida que tenha sido pela burguesia, nova casta de possuidores, revolveu um pouco o mundo!

Com mais forte razão não comprehendem nem querem comprehend absolutamente nada da outra revolução que vem.

A nossa propria linguagem lhes é quasi tão estranha como as nossas ideias. « Cabeça direita!... Sentido!... Apresentar... cobres!... Joelho em terra!... Dominus vobiscum! » completados com a sã leitura dos artigos de Judet e do major Driant, bastam ás exigencias da sua mentalidade.

Duas multidões cuja luta perdura através das ideias, cujo embate mais tardo ou mais cedo é inevitável: uma marchando para a constituição duma humanidade futura, a outra esforçando-se por nos reconduzir á animalidade ancestral: o espirito da revolução e o dos autos de fé!

Paris, 27 de maio de 1914.  
Carlos Malatesta.

\*\*\*\*\*



BIBLIA VERMELHA

Descramos demasiadamente a mulher, ou, quando dela nos occupamos, é as mais das vezes para a tomar como assunto de variações literarias.

E quando nos occupamos da religião, é para logo mergulharmos em observações metaphisicas e em affirmações arbitrarías sobre arduos e insolúveis problemas filosoficos, esquecendo-nos do que mais nos deve importar: dos efeitos da creença religiosa que atrofia a faculdade de pensar e tende a matar toda e qualquer aspiração de justiça e de liberdade nesta terra.

O que se necessita é propaganda clara, simples, baseada sobre a experiencia cotidiana do povo e apelaudo para os sentimentos que, no estado consciente ou não, estão realmente no animo de todos.

Isso poderá prejudicar a fama do escritor e orador a que no fundo aspira todo aquele que escreve ou fala, mas devemos saber sacrificar qualquer vaidade pessoal á satisfação de concorrer eficazmente para a victoria da causa que abraçamos. E, afinal, também deste modo acção por vir a reputação; porque o povo gosta infelizmente de ver fascinados, mas também gosta de compreender, e quando apanha este gosto, acaba por ter aversão á retórica... e á filosofia.

Erriico Malatesta.

## Da Porta da Europa

**ARTE REVOLUCIONARIA**

LISBOA, 6 DE JUNHO.

Lancemos um olhar á França revolucionária, — não, é claro, para celebrar o « triunfo » eleitoral socialista, que foi antes, a meu ver, um novo desastre para a verdadeira socialismo. A politica eleitoral e parlamentar, feita de promessas illusórias, de vagos programas, de compromissos enredadores e de combinações suspeitas (até com os clericais, nas eleições francesas), além de corromper o povo, levando-o a esperar do alto a sua salvação, oferece aos aventureiros e aos baixos ambiciosos um vasto e fructuoso campo de acção. Com a sua centena de deputados, com o seu aumento de 50 % nos efectivos parlamentares, o partido socialista democratico de França será cada vez o melhor...

partido para os moços intelectuais com sede de gloria e de poder. Crescerá o numero dos « traidores » como Millerand, Briand, Viviani, filhos legítimos da traição colectiva do partido ao socialismo popular, antiparlamentar por essência. E essa traição colectiva, accentuada há, o partido embrenhar-se ha cada vez mais no democraticismo burguês, forçado pelo seu próprio nome ao parlamento a sustentar ministérios contra colligações das « direitas », a assumir as piores responsabilidades do poder sem dele dispor directamente, a desdenhar o seu programa especifico.

Mas era de outra coisa que eu tencionava falar.

Entre os revolucionários sociais da Paris desenvolve-se a cultura da grande arte. Não se trata, evidentemente, do « Cinema do Povo », que é antes um meio de propaganda para contrariar a nefasta educação, reacção e immoral, dos cinematographos industriais. Não. Os jornais Les Temps Nouveaux e La Bataille Syndicaliste organizam magníficas festas, nas quais é servido a um público recolhido e de boa vontade o que há de mais belo e de mais nobremente livre na música, no teatro e na poesia: Bach ao lado de Hauptmann.

Com esse intuito, constitui-se o « Grupo de Propaganda Musical » e o « Teatro do Povo », servindo-se de verdadeiros artistas e procurando subtrair á grosseira arte comercializada pelo menos a parte mais intelligente da classe trabalhadora.

O homem vive primeiramente de pão, mas não é só de pão que ele vive; assim pensam os revolucionários parisienses. Felizes eles, que possuem elementos para dar corpo a esse pen-

samento, que é o de todos nós! Em geral, aos revolucionários escasseiam o tempo e os recursos mesmo para as tarefas mais urgentes e essenciaes, para a conquista directa do pão e da liberdade. Em matéria de arte, são obrigados a contentar-se com a que lhes fornecem as empresas mercantis.

No entanto, a arte, nas formas superiores, é verdadeiramente revolucionária, mesmo sem ter a preocupação de se preocupar subversivas, e não sómente por afinar o sentimento.

Sem educação técnica nem artistica, o homem do povo é incapaz de comprehend as mais belas obras e refugiam-se nos espectáculos mais ordinários, seguido pelo desdém dos super-homens.

Mas tentem e tentem, sem intentos financeiros, essa educação que lhe falta, iniciem, façam apelo aos seus melhores sentimentos, explicitem-lhe previamente as obras de arte, interessam o por elas, afinal-lhe gradualmente o gosto, e ele acudirá ao vosso chamamento e em breve trará, deliciado, os guizados requentados e sebosos pelo mel suavissimo do Himeto. As suas preferencias sentimentaes parecer-lhe hão abomináveis e vergonhosas.

E tornar-se ha então mais consciente a sua revolta contra a injustiça social, que mergulha a grande maioria na miséria, na abjeção e na ignorância, proporcionando apenas a uma minoria de privilegiados e parasitas todos os gozos da arte e da sciencia, e que a ele próprio o priva ainda de satisfazer completamente as suas mais legítimas aspirações e curiosidades.

Nesse sentido, a civilização moderna colabora toda com os revolucionários; e divulga os seus beneficios, seja embora em proporções modestas, é tornar os homens insofridos do jugo, revelar-lhes plenamente a fealdade do existente, — o que, se não é tudo, é um primeiro passo para o desejo duma transformação social. O homem habituado a lavar-se e que conhece todas as vantagens do asseio corporal, — disse um dia Malatesta, — torna-se revolucionário no dia em que não possa comprar sabão.

Felizes os revolucionários de Paris...

Nuno Vasco.



Nhonho dá lição de historia sagrada.

— Porque foi Adão expulso do paraíso?

— Por ter comido a maçã.

— Mas, porque?

Nhonho embatucava. Lili, amaendiabrada de cinco anos, interviu:

— Porque ainda não era a hora da sobremesa.

## O "HINO A' RAZÃO" DE CHÉNIER E MÉRUL

Recordai, ha dois annos e meio, a famosa Festa da Liberdade e da Razão, celebrada na igreja de Notre-Dame pelo povo de Paris, a 30 de brumário do ano II, três dias depois de terer publicamente abdicado das suas funções de papas catolicos, na trituna da Convenção, o bispo Gobel e o seu clero.

A proposito da Revolução francesa, escreveu Eliezer Reclus esta frase que nunca será dissipada: « Nessa grande época, a mais bela que a humanidade atravessou jamais, pareceu estar o ponto de se realizar o ideal dos mais altos filosofos que tinham emitido o pensamento humano em toda a sua beleza ». Os coevos tiveram consciência do alcance dos acontecimentos: «... quando os alvissos a tomar parte em destino todos invejável. Saubaram o início duma era nova, a da igualdade a realizar nos factos, coincidindo com o desaparecimento da velha religião da escuridão, com a desecristianização. Nesse momento sublime da História, empolgou os corpos um entusiasmo heroico e jubiloso. Julgou-se chegado o dia predito por Voltaire em 1764: « a luz está espalhada que irromperá a primeira ocasião: ha-de ser então um belo estroado. Os moços são bem felizes! hão de ver belas coisas! ».

Depois da grande solenidade inicial de 30 de brumário, celebraram-se festas do mesmo genero, de brumário a ger-minal, tanto em Notre-Dame quanto em outras igrejas de Paris e de toda a França. Mencionarei apenas as duas primeiras: a festa da Filosofia, que se fez em 30 de brumário em Saint-paul; e a festa da Razão, electuada a 10 de trimário em Sam-Roque, sede da secção da Montanha. Para a cerimonia de Sam-Roque, compuz MÉRUL, já illustre (inha trinta annos), a primeira obra revolucionária, sobre letra de José Chénier: o seu Hino á Razão. A excepção dele foi confiada aos artistas da Opera (Teatro das Artes). A obra comprehend um trio para vozes de homem (contralto, barítono e baixo), sem acompanhamento, e um coro com organetto sinfonico, quarteto de cordas, duas flautas, dois obois ou clarinetas, dois cornetas, duas trompas, dois baixos.

Mas temos que falar também dos versos que servem de apoio á admirável musica de MÉRUL.

José Chénier foi o mais leuado dos poetas da Revolução. Mas do que uma vez escreveu coisas verdadeiramente belas; mas as necessidades duma produção apressada uniu-o a um insensato de dar aos seus versos o acabado desejavel. Assim succedeu quanto ao Hino á Razão, que foi um simples improviso. Perdoemos-lhe: nesse momento, tinha ele ainda mais que fazer do que juntar rimas. A 15 de brumário, lera na tribuna da Convenção o seu grande discurso sobre a «strução publica; e a 5 de trimário, o seu relatório para justificação do decreto que retirou do Pantaleo os restos de Mirabeau, o tribuna de eloquencia vena, para lá collocar Marat, martir da liberdade.

Nas estrofe cantada pelo coro e repetida como estrilho após cada uma das estancias ditas pelo trio, o poeta manda a Igualdade, proclamada enfim pela Lei sob ditado da Razão:

O Raison, puissance éternelle, Pour nous faire la loi tu le Loi. Avant d'être, ignorez devant de, Tu éternel ignorez devant de.

A ultima estancia do trio precisa dum comentário para ser bem comprehendida.

Diz assim:

Sur les pas, austere Sagesse, Avancez l'Inamable Gaité. Des Arts la troupe éphémère: Vient couronner la Liberté.

Estes versos aludem á pantomima allegorica que acabava de se desen-



## EM PORTUGAL

## Política religiosa

rolar no côro da ex-igreja. Ouvira-se primeiro um discurso filosófico pronunciado por Monvel, actor do Teatro da Republica, discurso em que o orador, em nome da secção da Montanha, tivera uma linguagem nitidamente pantheista, não mencionando a "suprema Inteligencia, alma da Natureza", senão para a "identificar com a propria Natureza", e rejeitando como uma superstição a crença, "na existencia dum Ser-supremo que pune ou recompensa após a morte". No espectáculo em seguida oferecido aos olhos do povo, viria-se a Sacerdotisa (a Razão), a qual fazia seguido o "bando encantador" das dançarinas do Teatro das Artes, que levava consigo a Alegria e colocava uma coroa de flores sobre a fronte da Liberdade. Assim é que, vinte dias antes, em Notre-Dame, a Liberdade, representada pela bela bailarina Aubry, "saíndo do templo da Filosofia", tomara lugar "num asento de verdura" para "receber as homenagens dos republicanos e das republicanas".

Críticos houve que censuraram a este simbolismo apreciado pelo século XVIII o ser abstracto o frio, o ser por consequencia impotente para apaziguar as massas. Julgaram mal a arte dum epocha que não comprehendem. As massas, que tinham haurido a paixão revolucionaria na propria acção, na luta pela liberdade, sabiam traduzir os symbolos e animar-lhes com a sua propria vida: onde nós vemos abstrações, sentiam elas realidades. O teatro, a poesia, a pintura, a musica, as festas reflectiam a acção popular em formas que não forçadamente mortas para aqueles cujo intellecto é obliterado pela sua falta de sympathia; mas a multidão do então levava para essas manifestações de arte a sua vontade de agir e a sua fé no triunfo: dessas obras e desses espectáculos desprendem-se para elas uma intensa commoção e uma vida ardente.

James Guillaume.

## Pelas vitimas politicas da reacção italiana

Continua a trabalhar com actividade o comité encarregado de promover a agitação de solidariedade aos companheiros que na Italia foram vitimas da sanha reaccionaria dos governantes da monarchia italiana, em consequencia do bellissimo movimento de protesto contra as companhias de disciplina e o massacre do povo ha pouco levado a cabo naquele paiz.

Conforme noticias, foram realizados comícios na Agua Branca, no sabado á noite, e no Bom Retiro, o marcado para domingo á tarde e outro na quinta feira á noite.

Em todos estes os oradores salientaram a necessidade de se manter viva a agitação, que se estár também realizando em outros paizes, para auxiliar os companheiros da Italia a fazer frente á furia reaccionaria dos clerico-monarquicos dominantes italianos.

Outros comícios vão ser realizados pelos arrabaldes de, em breve, um geral no centro da cidade.

A subscrição aberta para auxiliar as familias das vitimas do ultimo movimento e os que se encontram presos, vai tendo boa accepção, apesar da grande crise que atinge principalmente a classe trabalhadora.

A Associação Feminina de Educação Moderna, em reunio realizada na semana finda, resolveu fazer entrega: ao comité dos 7038 que constituem o seu fundo social.

O comité já remeteu para a Italia a importancia de 1000 liras, que vão ser distribuidas pelos presos e pelas familias dos assassinados.

Todas as quantias deverão ser remetidas ao tesoureiro do comité, Ercolano Marinelli, á rua dos Imigrantes, 155 — S. Paulo.

Com esta epigrafe, publicou a Republica, de Lisboa, órgão do Partido Evolucionista português, um artigo que julgamos interessante reproduzir, por indicar alguns pontos de historia, assim como a politica religiosa que tencionam seguir os partidarios de Dr. Antonio José de Almeida, um dos chefes da politica portuguesa.

Segundo informam ha dias A Capital, o sr. Domingos Pinto Coelho, que dizem ser um dos dirigentes do movimento catolico em Portugal, lança o *Dies irae* tremendo contra a Republica Portuguesa, afirmando que qualquer transigencia com ella equivaleria a um pacto maligno firmado com Satanar.

O primeiro paradoxo que esta noticia encerra é de que, real e verdadeiramente, nunca existiu em Portugal, durante o constitucionalismo, movimento religioso organizado, ou sobeado sequer.

Faço-se é claro, exclusão do jesuitismo, porque esse existia, nos ultimos tempos, com organização completa.

Emagado pelas leis de Aguiar, e clero português que ao espirito liberal da época apenas contrapunha, em vez da propaganda religiosa, o catolicismo, o clero, com o que chamamos as grandes homens, do tempo maçã e pedreiros livres, depoz o caceté das lutas migueleiras, abandonou a força do impropre: os povos a que se agitassem a gente legitimista, e sentou-se lá comodamente quando pôde á mesa do orçamento, um pouco cioso de que mal lhe conviria acatar o Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos do que qualquer ordem que de Roma baixasse por intermedio dos bispos que o constitucionalismo destruiu.

E desde então, o movimento religioso português que em vez de se pretendo agitar erguer a historia, sumiu-se num prudente acatamento ás instruções do poder civil, que, por um simples recibo, garantia o fim do mez a vida regular do presbiterio, e no cumprimento quanto possível exacto dos precatos religiosos que fazem do homem um bom cristão. Quando um acaso parlamentar lançava algum governo por terra, interessava nullo mais ao clero nacional o nome do futuro ministro da justiça, futuro chefe também, que as enciclicas que nunc purissima, latim Roma evitava a cristandade. Nunca o nome clero faltou ao cumprimento das obrigações que as leis do estado e da igreja impunham ao funcionario e ao ministro do Senhor. Mas também nunca o clero fez do pulpito sagrado uma tribuna politica, ou procurou interessar o povo por excessos do carolismo que os seus não suportavam também. A missa do domingo, a descoberta uma vez por ano, a festa do santo da terra, com arrai e foguetes, eis o que clero e feis concordaram praticar: a obrigação civil cumpria-se honradamente escrevendo com limpa e castiga os assentos de batismo e casamento e obito que o estado lhe ia pedindo.

E não se julgue que fazemos mero jogo de palavras. Erocamos mesmo nesta exposição o livro de um illustre catolico militante, o sr. Abundio da Silva, e pedimo-lhe estas trechos, que transcrevemos: "O clero, alto e baixo, fazia muito pouco para insular o verdadeiro espirito nesta religiosidade que tendia para a formação duma igreja nacional, que poderia a Roma o dogma e os principios eternos da moral, mas que leinava em colour cá dentro das fronteiras e no poder civil, como supremo recurso, todas as fontes da jurisdição ecclesiastica".

Por outro lado, para assim larem a excomunição sobre a Republica, occorre perguntar o que avem os catolicos á monarchia deposta em 5 de outubro. Eles não devem, é facto, uma lei de separação, que é em parte uma lei de epoplição da igreja catolica em beneficio de estado; mas a monarchia, por um barbaro processo que o tempo não desculpa, desbaratou o monumento da igreja, apoderou-se dos bens da 56 de Lisboa, expulsou os traidos e os jesuitas deixando todos os bens, fozem da Companhia, ou dos nossos nacionalismos e evocativos conventos. E Macedo.

embora a Republica desterrasse alguns prelados, por rebeldia á lei de separação, a monarchia desterrava duma penada todos quantos fossem suspeitos de rebeldia aos poderes constitucionais, mandou que fossem havidos por mortos os bispos sobre quem recaisse a denuncia de desacato á Constituição, e — coiza que a Republica nunca fez — desterrava para fora do territorio nacional o patriarca Carlos I. Não só pelo crime (dillo o mesmo illustre escritor catolico) de se recusar a jurar sem restrições as bases da Carta".

Sim! Entre D. Pedro, o dador, e o sr. Afonso Costa, as perseguições religiosas só podem junto da igreja favorecer este — e num vasto superavit.

Depois, propriedademente ao não, os catolicos portugueses andavam a confundir duma forma lamentavel a republica do sr. Afonso Costa com a Republica Portuguesa. E jurando guerra de morte ao novo regime, os catolicos esquecem-se de que ha um partido de governo dentro da Republica que se propõe, no intuito de pacificar o paiz que uma lei turbulenta e a sua turbulenta applicação andaram a irritar, semeando por toda a parte o descontentamento nesta Republica, integrar a igreja os direitos de que tenha sido esbulhada e que sejam direitos legítimos. Quem lór ao Programa do Partido Evolucionista, que a assembleia de agosto aprovou, o ler com intelligente honestidade, verá que o problema ali fica resolvido: há auctoridade a que se reite se se cultuasse o ao ensino religioso, aos bens e as almas, a tudo quanto irritou a igreja catolica e os seus representantes. E não deixará de confessar que esse programã dá a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

O sr. dr. Pinto Coelho egagase em frente á republica do sr. Afonso Costa, e generaliza lamentavelmente partido deste efemero momento. A Republica por um dos seus partidos do governo, quer manter integro e inabalavel o poder civil e as suas regulas; mas não consentir também que a Igreja Catolica continue a ser espoliada das suas regulas proprias, e será para com ella duma justiça e uma imparcialidade que a Monarquia não teve.

O que pretende pois o sr. Pinto Coelho aconselhando os catolicos portugueses a egagrosarem as forças monarchicas como unico meio de salvar a religião? Os tempos de Aguiar e de Pombal? A tirania com os ministros da rainha Maria II applicaram as suas leis? Ou simplesmente obedecer a Roma?

Esta obediencia a Roma, que o sr. Pinto Coelho deserte preconiza, é das mais destruidoras trevas que a politica de Pio X deve ter trazido á igreja. Ela amarranhava a sua mediocridade tudo quanto o espirito nobremente intelligente de Leão XIII em torno da igreja andou acarinhando.

Mas por outro lado, a infallibilidade na papel, leram-se a reconstrução *Inter gravissimas* de 16 de fevereiro de 92, onde o papa aconselha cordura e a bondade ante os homens do poder, qualquer que seja o regime; a enciclica *Quod apostolici nuntius*, onde o papa Leão XIII deixou estas palavras: "os catolicos portugueses haveriam de argumentar ao alto da sua liberdade de paiz!...". "as algumas vezes succede que os Principes exercem o seu poder temerariamente e liza dos seus limites, a doutrina da Igreja catolica não consente a insurreição contra elles... e se as coizas chegam a ponto de não se vislumbraem outra esperanca de salvacao, ensina que se ha-de apressar o remedio com os meritos da paciencia cristã e as fervorosas supplicas a Deus".

Donde nós concluímos que mais avisado andaria o sr. Pinto Coelho em voltar para o clero, submissivo e á moda antiga da igreja, os seus archotes de guerra, e lançar depois ao ar calmo a benção da paz e a prece pelos que trabalham.

## AOS ASSINANTES DO RIO

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito difficil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na sede da Liga Anticlerical, á rua do Arco, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiliano de Macedo.

## CIVILIZAÇÕES E NÃO RAÇAS

Isso de Raça latina e Raça saxônica, são modos de expressão, já caídos em desuso; hoje, não ha verdadeiramente raças, senão civilizações; a Civilização latina, que é tudo isto que vemos, menos os corajados ingleses e o exercicio alemão;

e, a Civilização saxônica, que é o que muitos esperam ver, a saber: a desaparição de tudo isto que vemos, a destruição dos navios ingleses e o triunfo do exercito alemão;

um Sedam universal. e, o reinado de Thor; eu não tenho grande odio pela cereveja, porém isso de vê-la governando o mundo não me seduz;

o espectáculo desses regimentos de professores, com oculos Babilã, não deixando de rezar versículos senão para matar homens, me faz pensar nos hutu de Artila, aos quais Darwin e o prof. Haeckel houvessem ensinado a Origem das Espécies e a melhor maneira de destrui-las;

o sacrificio do mundo actual celebrado com um discurso do imperador Guilherme e musica de Wagner, não creio que me deixasse uma bela impressão, supondo que me deixasse vivo;

obrigado a optar por uma troca de Civilização, eu optaria pela China, sobretudo depois que parece provado que os antecessores de Cambises reinam na America;

voilà la loi du retour...

e, ademais, a ideia desses chins sedentários, postos de cócoras para fazer botões com os ossos dos vencidos, me é menos horripilante que a dos gadeiros de Francfort, picando a carne dos caídos para fazer salchichas;

porque, enfim, dos botões não se come nada;

porém, as salchichas... e, por consequencia, no caso de uma reincarnação, eu preferiria renascer chim, sentado perto de um bombo e empilhado em fazer brinquedos, quando se renascer um quartel, destinado a ser brinquedo de outros...

questão de gostos; e de "afinidades electivas", como dizia Goethe.

Vargas Vila.

## O QUE VAI PELO MUNDO

Banquea internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e socialista

## Espanha

## Alada e sempre a Inquisição

Na prisão central de San Miguel de los Reyes (Valencia), o director, um tal Ladrone, natural de Porto Rico, procura rivalizar com Portas e Torquemada.

A primeira coisa que elle pergunta a um preso que ali entra é se esteve em Cuba ou nas Filipinas. Se o desgraçado diz que sim, é submetido ás maiores torturas. Assim tem succedido a Cesario del Valle, repatriado de Cuba, sujeito a todos os rigores de *ha sete anos* para cá. Afirmo, que ha pouco conseguiu fazer-lhe uma visita, a muito custo o reconheceu: foi-lhe apresentado numa cadeira, não podendo sustentar-se de pé! E pessimamente alimentado, encadado de pés e mãos e diariamente espancado com uma vergalho!

O mesmo tratamento foi infligido a outro preso, Casanovas, que por isso enlouqueceu ao cabo de quatro anos, sendo então remeido para a fortaleza d' Figueras, outro circulo do inferno!

Entre os casos conhecidos, ha oito de suicidio que succubiram aos supplicios, e mais dois de loucura. Deste, um é o de Antonio Hidalgo, de Cordova, que continua a ser espancado. O sevillano Luis Calvo tambem ha três anos que padece tormentos, no inferno do inquisidor Ladrone.

## Notas mudas

— As suffragistas incendiaram a igreja de Wargrave, sobre o Tamisa, e de Beadsall, perto de Derby. Deus será contra o voto feminino? — Foi definitivamente aprovado pelo parlamento ingles o bill que se-

para a Igreja do Estado, no paiz de Gales. A lei expropria os padres dos bens de que elles se tinham apropriado, embora houveram sido legados para obras de caridade.

— O clerical Heraldico Sines confessa "com terror" que, durante quatro domingos de inverno, cinco templos de Berlim foram frequentados apenas por 1/3 % dos membros da comunidade.

— Faleceu o activo livre pensador alemão Zeitsen, que passara 30 anos na America do Sul. Deixou dez mil marcos para a propaganda livre pensadora.

— Faleceu, com 37 anos, João Skeritich, professor na Universidade de Belgrado e secretario do Livre Pensamento servio.

— Realizou-se em 7 de junho, em Bruxelas, o XXXI Congresso nacional do livre pensamento belga.

— Na vespera do congresso protestante reunido em Barcelona em 25 de maio, alguns clericales catolicos regaram com petreico a porta do templo protestante, e iam lançar-lhe fogo quando sobreveio a policia. Santa gente!

— Os batistas norte-americanos do Japão declaram que 85 % dos 6.000 estudantes da Universidade de Toquio são livres pensadores.

## ACÇÃO LIBERTARIA

Pro-C. A. Internacional — Realizou-se no domingo, com grande concurrencia, a annunciada reunião do elemento libertario para ultimar os trabalhos concernentes ao Congresso Anarquista Internacional e tratar de outros assuntos relacionados com a propaganda libertaria.

Após animada e proveitosa discussão, foi deliberado indicar para temas a serem apresentados á discussão do Congresso as seguintes: os anarquistas e o problema da imigração e a acção dos anarquistas de todo o mundo em caso de rebeater a revolução social em um determinado paiz, e reforçar dois dos que já figuram na circular do comité organizador do Congresso.

A seguir, institui-se sobre a necessidade de formação dos grupos peios arrabaldes e outras localidades, para intensificar a propaganda.

Iniciou-se depois a palestra sobre a conduta dos anarquistas em face do movimento operario, que proseguiu amanhã, domingo, ás 19 horas (7 da noite), na sede do Centro Libertario, á rua Riachuelo, 41.

Nessa reunião deverá ficar definitivamente assentada a questão de delegados, que vai ser indicado.

Estará presente um representante dos anarquistas do Rio, que comunicará as resoluções lá tomadas nas diversas reuniões que effectuaram.

O espectáculo organizado pelo C. de Relações dos Grupos Anarquistas, será realizado no dia 16 de julho, num cinema do Braz.

Os bilhetes devem ser procurados na sede do Centro Libertario, á rua Riachuelo, onde é todas as noites encontrado um membro do Comité.

As listas da subscrição aberta para conseguir os recursos necessarios já se encontram em circulação, de vendo ser devolvidas com as respectivas importancias a Galileu Sanchez, Caixa Postal, 128 — S. Paulo.

O C. de R. dos G. A. pede a todos que estão encarregados de preparar os relatorios das diversas partes do Brasil que apressem os seus trabalhos, pois urge proceder a compilação do relatório geral.

A's agremiações que se fizeram representar nas reuniões ha a acrescentar o Grupo Razão e Força, desta cidade.

## De um violeto anticlerical

O homem que veste saia, Rapa barba e fidei coras, Estuda as maravilhas, As brutas coizas atoa.

Me mostre esta resposta Quem na igreja vai rezar, Ajoelha nos seus peccado Somentemente a namorar.

Todos homes de familia Que perçido á religião, Compre um livro, fôr o padre, Vámos, vámos, vámos irmo!

Eu crío minha fama Proibido e viciado, Chego no conficcionario Porcaria padre incinando.

## UM TIO HEREJE A UM SOBRINHO SEMINARISTA

Conforme prometemos, damos hoje publicação ás duas cartas trocadas entre um nosso companheiro e um seu sobrinho que se encontra em um seminario da Italia.

Ei-las:

Seminario Vicoenza, 7 — 5 — 914.

Queridissimo tio,

recebemos com muito prazer a tua carta, e te agradeço de nos ter feito saber que estais bem como tambem estamos bem nós: Eu, encaregado, pelos meus pais, te escrevo o Seminario. Não sei quasi o que te dizer, responder, trecho, a trecho, á tua carta. Compreendemos como ta sentomunk: satisfação de não nos enviar mais aqueles jornaes e nós sentimos muito mais satisfação em não os ler. Para nós bastam aquelas instruções que recebemos da natureza, das flores; e de lá se apreendem muito mais belas coizas que não tu lendo os jornaes de teus. Podes dizer-nos quanto, mas podes estar mesmo certo que não conseguirás convencer os corações italianos a dizer que o Brasil é a sede da sabedoria verdadeira que faz as pessoas celebres. Tu dizes que tens aprendido tanto e en te digo que não tens aprendido nada, talvez sabes menos de quando, como tu dissesse entre os joelhos da mãe e do pai aprendeis o padre nosso. Agora não sabes mais do que mentiras impressas sobre os jornaes de quem tem tempo a perder e que tu não estás abendo o que fazes. Tu dizes que nos amas, mas não é verdade, nenhuma religião é capaz de fazer amar o irmão distante além da catholicos. E nós mesmo que não repetimos sempre "te amo, te amo" amamos lá mais que tu não amas nós, as tuas palavras não servem; são balas. Tu dizes que tens a consciencia tranquila, mas diga-me, estará talvaz tranquila como quando estavas na tua patria na tua patria catolica? Não, tu não podes e nem poderás dizê-lo. Se verdadeiramente dizes que tens a paz então quer dizer que não sabes o que significa a palavra paz. Teria sido perseguido exteriormente, quando estavas entre nós, mas a tua consciencia gozava duma paz, duma tranqullidade que só a Religião catolica, a religião Romana pode dar.

Podes dizer liberto bem que se a igreja fosse liberal seria tirana mas te digo que a igreja foi um campo liberal mas não sou o seu governo os povos eram pacificos, tranquillo, gozavam a paz que não gozam agora porque a vêm opridima e se vêm sob um governo inhumano, e quasi cruel. A igreja triunfou mas para conseguir os seus triunfos não empregou nunca correntes, flagellos, mas os seus triumphos não empregou nunca empregaram nunca armas, flagellos. São sempre os governos não catholicos que a cada insignificantemente inventam novas perseguições mas a igreja é santa e a exemplo d'Aquello que fundou a senda santa não faz injusticias. Tero á certo martires que encorajados pela nossa fé suportaram o martirio, mas que dizes tu? Talvez que eles agora não gozaro o premio do seu sacrificio? Eles não são vitimas da religião eles são a gloria da religião, eles actualmente gozam lá em cima junto d'Aquello que a eles deu coragem para suportar o martirio, e gozaro certamente o que não poderão gozar os seus adeptos. Perdm a misericórdia de Deus é grande!!!

Eu termino. Eis o meu endereço: Ao estandarte Carraro Santa. Seminario Episcopal Italia (Vicenza) Saudações aos primos.

Candido Rodriguez, 6 de junho de 1914

Queridissimo sobrinho,

Recebi a tua gratissima carta em 5 de maio ultimo. Folgo muito em saber que todos si gozam mais saudade, o que para mim constitue o maior dos bens que o bon eu possa aspirar. Disse a tua gratissima porque, talvez sem o querer, consegueste, em vez de indignar-me, proporcionar-me momentos de verdadeiro e franco bom humor.



## O AMOR



